

# MÉTODO DE ESTUDO

Getulio Vargas Zauza



Projeto  
Passo Fundo  
Apoiar à cultura

De alma para alma

Aprendi a silenciar  
Vivendo no silêncio da fundura  
Ou ouvindo o estertor da alma  
que se agita  
E se afoga em ansiedades  
Ou angústias infinitas.

Aprendi a silenciar:  
Na aparência ficar inerte, quedo  
Ante a alma que se tortura  
E freme e gela de pânico medo.

E silencie-me por inteiro,  
Mergulhei meu coração na  
calma.  
Então aprendi a ouvir  
E falar de alma pra alma.

Getulio Vargas Zauza

PSCIC CRP-RS-07-0484

# MÉTODO DE ESTUDO



Passo Fundo

2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Educação. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013. 40p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 19/09/2013

Z39m Zauza, Getulio Vargas  
Método de estudo [recurso eletrônico] / Getulio  
Vargas Zauza. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,  
2013.  
E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-8326-033-2

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Método de estudo. 2. Auto-educação. I. Título.

CDU: 37.041

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## MÉTODO DE ESTUDO

O conhecimento é como escada que leva ao infinito,  
cada degrau é feito de palavras e conceitos  
de todo o pesquisado e foi escrito,  
deve ser metódico, verdadeiro e perfeito.

A palavra é o meio de expressão para o conhecimento.  
Saber o seu sentido vai além do necessário  
pois é ela que comunica o fruto do pensamento  
o que não pode ser feito sem dominar vocabulário.

O sucesso no estudo se consegue pelo entendimento,  
mas necessita o irrestrito apoio da memória  
que oferece a matéria física para o pensar

que desvenda os segredos e revela os lúcidos pensamentos,  
pois é com lógico pensar que se alcança a vitória  
subindo degrau por degrau sem a nenhum saltar.

P.F. 0309013  
17h15min  
Zauza



## SUMÁRIO

<b>PARTE I</b> .....	7
Apresentação .....	7
<b>Método de Estudo</b> .....	9
<b>Os 07 Passos do Método de Estudo</b> .....	11
I.    O Contato .....	12
II.   Leitura para levantamento de palavras desconhecidas ou cujo sentido não se tenha certeza e conceitos que devem ser elaborados. ....	13
III.  Elaboração do vocabulário das palavras numeradas com seu sentido específico no texto .....	14
IV.  Leitura para entendimento do conteúdo do texto .....	15
V.   Síntese (ou resumo) do conteúdo .....	16
VI.  Fixação do conteúdo do texto ou da obra toda .....	17
VII. Utilização do conhecimento .....	18
<b>PARTE II</b> .....	19
Porque e em que circunstâncias foi elaborado este roteiro de Estudo. ....	19

<b>PARTE III</b> .....	25
Outras Histórias .....	25
<i>Professor de Matemática e o “Menino Burrinho”</i> .....	25
<i>O Professor de Desenho e o Menino “Aleijadinho”</i> .....	31
Jovens inteligentes e estudiosos que não tinham sucesso no vestibular. ....	33
Um livro com mais de (900) novecentas páginas para ensinar como estudar e as condições ideais para tal .....	36
De onde não se espera pode surgir algo novo. ....	37



## PARTE I

### Apresentação

Caros Professores e Estudantes

Sinceramente quero dizer a vocês que estou publicando este caderno para tranquilidade de minha consciência, porque não acredito que se interessarão por ele, pois que além dos meus alunos de primeiro grau e de graduação do antigo curso de História Natural (hoje Biologia) ninguém mais demonstrou interesse por ele.

No entanto eu lhes afirmo que sempre que aplicado apresentou ótimos resultados. A primeira vista pode parecer que ele torna o estudo mais demorado. Isso é uma ilusão! É cientificamente demonstrado que todo e qualquer trabalho realizado metodicamente é mais rápido, rende mais e é mais perfeito.

Para que vocês saibam quem está falando digo-lhes que tenho licenciatura em História Natural e graduação em Psicologia, vários anos como professor universitário e quarenta e quatro (44) anos de exercício como psicoterapeuta, centenas de pacientes, felizmente com sucesso total.

Este trabalho é constituído de duas partes. Na primeira apresento o método de forma abreviada nos seus sete (07) passos fundamentais. Na segunda parte descrevo e justifico cada passo, relato as circunstâncias que levaram a desenvolvê-lo e conto algumas histórias de casos mais ou menos curiosos relativos aos resultados e as atitudes dos professores cujos alunos eu orientei.

No caso de não interessar pela segunda parte o estudante poderá simplesmente utilizar os sete (07) passos diretamente.





## **Método de Estudo**

Observação: a palavra método é composta de outras duas, ambas são originadas da língua grega. São as seguintes: 1) meta gr. – alvo a ser atingido, no caso o conhecimento; 2) odos, gr. – caminho a ser percorrido, o meio a ser utilizado para o aprendizado.





## Os 07 Passos do Método de Estudo

I. Contato com o assunto a ser estudado.

II. Leitura para identificar palavras cujo sentido não é conhecido ou o é vagamente, sublinhando-as e colocando um número em ordem no fim das palavras acima da última letra. Não deve ter a preocupação imediata de entender o texto.

III. Elaborar um vocabulário na ordem enumerada segundo o sentido específico no texto.

IV. Leitura do texto para entendimento do mesmo.

V. Síntese (resumo) do conteúdo.

VI. Estudo para fixação do conteúdo por meio de exercícios, leitura silenciosa e em voz alta, esquemas ilustrativos, chaves, discussão com mais dois colegas se for possível.

VII. Utilização do conhecimento.



## **I. O Contato**

Normalmente o contato com o assunto a ser estudado, nos primeiros anos escolares, acontece em sala de aula quando o professor faz a exposição, escreve no quadro, ou dita e o aluno copia em seu caderno, faz perguntas, o professor explica e faz exercícios, etc.

Além de tudo isso propõe questões que os educandos procuram resolver com ou sem ajuda do professor que ao final normalmente, junto com os estudantes verificam acertos e erros.

Os alunos dispõem ainda de livro texto no qual podem completar o contato com a matéria.



## **II. Leitura para levantamento de palavras desconhecidas ou cujo sentido não se tenha certeza e conceitos que devem ser elaborados.**

Neste passo a leitura deve ser realizada sem a preocupação de ser assimilado ou decorado como em geral é hábito. Cada palavra que não se saiba ou não se tenha certeza do seu significado no texto deve ser sublinhada e numerada na ordem em que aparece no texto. Aliás, esse procedimento deveria ser feito em qualquer leitura, pois ajudaria a ampliar o domínio do vocabulário, tanto o ativo como o passivo.

Quando se tratar de estudos avançados como Graduação, Especialização, Mestrado ou Doutorado, além do vocabulário específico o estudante deve marcar trechos do texto cujo sentido não seja perfeitamente dominado e a seguir trabalhar para elaborar o conceito em questão, pois muitas vezes esse conceito é a chave para todo capítulo, pois não pode passar por cima dele sob pena de não conseguir assimilar o conteúdo de toda uma obra.



### **III. Elaboração do vocabulário das palavras numeradas com seu sentido específico no texto**

Para a realização deste passo o estudante deve ser orientado no sentido de como manusear o Dicionário, primeiro, que as palavras não são unívocas, não são empregadas num único sentido, mas em mais de um. Deve ser mostrado a ele que no início, nas primeiras páginas há uma lista de abreviaturas que explicam o significado de cada uma que sempre se encontra antes de cada palavra em cada verbete. Com essas explicações e um exercício prático o estudante estará apto para realizar o vocabulário com o sentido de cada palavra numerada, que deve ser feito na ordem em que foram marcadas.

Quando o texto consistir das anotações feitas pelo aluno o vocabulário poderá ser feito na página seguinte. Quando os vocábulos forem marcados, de preferência a lápis, o glossário será feito numa folha adicional, a qual será presa entre as duas páginas seguintes. Dessa forma quando o educando for fazer a leitura para o entendimento e aprendizado do conteúdo, não precisará realizar a busca no Dicionário, o que seria um grande desperdício de tempo e energia. E nesse caso em geral predominaria a influência da preguiça.

Tendo o glossário pronto o estudante faria a consulta uma única vez, o que representa enorme economia de tempo, energia e o sentido com que o termo é aplicado no texto está ali ao alcance da mão e dos olhos sem interromper a sequência da leitura. Em estudos avançados, se faz como no estudo fundamental com o vocabulário e deve ser feito e com os conceitos.





#### **IV. Leitura para entendimento do conteúdo do texto**

Nesta etapa do estudo é feita a leitura do texto com toda a concentração possível. É de extrema importância que o estudante forme uma relação íntima com o conteúdo como se estivesse degustando uma saborosa iguaria, permitindo que o sentido inundasse sua faculdade gustativa, de modo que sua inteligência, sua alma e espírito fossem profundamente impregnados. O ideal é que todo nosso ser fosse profundamente entranhado pelo conhecimento que fosse um casamento por amor e insolúvel, quando verdadeiro. Isso tornaria fácil a VI etapa, a fixação na memória, facilitando a lembrança na hora de sua utilização.

Neste passo devem ser elaborados todos os conceitos e em especial conceitos-chave.



## **V. Síntese (ou resumo) do conteúdo**

Conforme aumenta o nível do estudo, aumenta proporcionalmente a extensão dos textos e conseqüentemente dos conteúdos.

Na verdade qualquer que seja o quanto de extensão e de conteúdo a síntese é sempre útil e mesmo necessária porque ela facilita o passo VI que consiste na fixação do conteúdo a partir do qual o estudante ou mesmo o profissional fará a respectiva utilização do mesmo.

Tratando-se dos estudos avançados seria impossível e mesmo absurdo pretender decorar uma obra inteira. É necessário dominar os conceitos para a partir deles poder dissertar ou utilizar em qualquer caso o conhecimento.

A síntese deve ser feita na mesma ordem em que o texto é apresentado, utilizando-se as diversas formas, as quais não é necessário citá-las aqui.



## **VI. Fixação do conteúdo do texto ou da obra toda**

Neste passo a indicação de como fazê-lo está exposta abreviadamente no título Os 7 Passos número VI

Aqui eu só acrescento a recomendação que se deve lançar mão dos três meios de fixação, ou seja leitura silenciosa (visual) ou em voz alta (auditiva e motora) reproduzindo ou dissertando sobre o tema e fazendo esquemas que também é visual. Assim acionam as três veias de aprendizagem: 1) visual; 2) auditivas; 3) Motora.



## **VII. Utilização do conhecimento**

A situação mais comum é para o estudante e consiste na realização de exames, que tanto pode ser escrito na forma de dissertação ou múltipla escolha. Também pode ser prova oral. Em todos os casos o domínio do vocabulário como dos conceitos é absolutamente fundamental.

Embora o examinando deva sempre ater-se à terminologia da ciência ou assunto em questão, o domínio vocabular e conceitual lhe permite uma grande liberdade no modo de expressão.



## PARTE II

### **Porque e em que circunstancias foi elaborado este roteiro de Estudo.**

Eu trabalhava em um ginásio agrícola que funcionava em regime de internato, como Psicólogo, mas desempenhava também a função de orientação educacional. Tinha ainda sob minha orientação um grupo de jovens egressos de uma Escola Técnica de Agricultura que desempenhava o papel de auxiliar de disciplina. Todos estudavam. Uns cursavam Agronomia e outros Administração de Empresa e Veterinária.

A Escola não apresentava grandes problemas disciplinares de modo que a maior parte do tempo do expediente eles utilizavam ajudando os alunos que apresentavam dificuldades em algumas matérias, num sistema extra oficial de reforço escolar. Talvez por esse motivo e por ser a maioria dos alunos oriundos do interior o relacionamento deles com meus auxiliares era muito cordial e cooperativo.

Aconteceu que de repente duas turmas da 2ª série apresentaram uma enorme queda de aproveitamento sendo que mais ou menos 80% dos alunos alcançaram notas muito abaixo do índice de aprovação na primeira sabatina do primeiro semestre. Isso era demais para meus auxiliares ajudarem. Isso só na matéria de ciências.

No mesmo dia que receberam o resultado um aluno me procurou no meu gabinete de trabalho pedindo socorro. Foi numa sexta-feira. Eu disse que naquele momento não sabia uma solução para o caso,



mas que durante o fim de semana iria pensar e encontraria um jeito de resolver a questão e que na segunda-feira ele viesse ao meu gabinete acompanhado de mais dois colegas de aula que estivessem na mesma situação e desejassem ajuda.

Conforme prometi, fiz. Mas acontece que mesmo eu tendo realizado dois cursos superiores, História Natural e Psicologia, nunca nenhum professor me ensinou como estudar. Eu também não sabia se existia um método de estudo. O que eu sempre fiz desde o curso primário foi procurar entender os conteúdos. Nunca tentei decorar nada e era um viciado em dicionário, inclusive etimológico. Isso me permitiu ter um relativamente bom domínio vocabular, que facilitava o entendimento do texto, de modo que nunca tive dificuldade de aprendizagem. Eu lia muito e nunca passava por cima de uma palavra sem saber o seu sentido. daí eu compreendi a importância de saber o que uma palavra significa para o estudo. Uma palavra cujo significado não é conhecido é como se fosse de outro idioma desconhecido.

Outro fato que também deve ter me ajudado é que nunca recebi brinquedos quando criança. Eu mesmo os fazia. Primeiro os imaginava, depois construía. As maneiras de brincar também eu as inventava.

Por outro lado, talvez por um “defeito de fabricação” ou por efeito de febres altas, pois tive todas as doenças infantis e mais ainda a varíola com mais ou menos três anos, ou mesmo um problema no parto, tinha sofrido alguma lesão no cérebro, eu tinha e tenho grande dificuldade para decorar. Então isso obrigou-me a aplicar toda a energia para o entendimento e o raciocínio.

Vou narrar outra situação em que me encontrei sob a pressão de criar soluções de problemas para os quais eu não havia sido preparado no curso de sargento especialista em eletrônica na Escola Técnica de Aviação em São Paulo durante os anos 1948 e 1949.

Concluído o curso fui classificado para trabalhar na antiga Diretoria de Rotas Aéreas e designado para trabalhar no Laboratório de Pesquisa e Padronização do material eletrônico para a FAB.

Nesse laboratório se desenvolviam projetos que eram montados e após remetidos para a indústria, onde era feita a compactação segundo



as especificações. Feito isso retornavam para o Laboratório, onde eram submetidos a testes, uma vez que a indústria de montagem não dispunha de tecnologia para testar.

Até hoje não consegui decifrar porque eu o mais novo em idade e há pouco tempo saído da Escola com apenas 20 anos e havendo tantos outros mais antigos e experientes na profissão, fui o “escolhido” para essa atividade quando nem o Laboratório possuía equipagem específica para essa função.

Analisando as condições políticas da época encontrei alguns elementos que me permitem supor que apesar da cordialidade com que sempre fui tratado pelo chefe e outros oficiais, eu não era nada simpático a eles. Meu nome, minha relação de parentesco com o Presidente da República, pois estava no centro do ninho das serpentes. Ali no DRA se estabeleceu o Q.G. da preparação para a tentativa de golpe militar que só pode ser consumado em 1964. Talvez tenha sido uma discreta perseguição.

Agora, mesmo que tenha sido perseguição, o fato é que isso acabou me proporcionando uma oportunidade para desenvolver um pouco de criatividade, melhorar a capacidade de raciocínio e coragem para enfrentar situações novas para mim, o que me veio a ser de proveito no exercício tanto na profissão de psicoterapeuta, como de ensino de alunos normais do ginásio, do ensino superior e de deficientes visuais.

Citei esses acontecimentos para demonstrar a quem se dignar ler este trabalho veja como se pode tirar proveito mesmo das situações adversas. Dificuldades não são só obstáculos, são também desafios para nosso crescimento, muitas vezes mais auxiliares do que as facilidades.

Retornando à promessa que havia feito ao aluno após essa digressão, dediquei o fim de semana todo a procurar descobrir uma maneira de resolver o problema de como o aluno poderia superar a situação e dispor de um instrumento que lhe servisse para todos os estudos em níveis avançados, inclusive em grau superior.

Inicialmente não tinha a mínima ideia de por onde começar. Como durante o curso de Psicologia eu havia criado um pequeno grupo para estudar o processo do Pensar, isto é, como funciona nossa



mente quando produz pensamentos, eu sabia naturalmente que a existência de um cérebro sadio era o instrumento necessário para tal, mas para minha concepção filosófica cérebro por si mesmo não pensa, ele é um órgão fundamental, mas o elaborador dos pensamentos é o espírito, representado aqui pelo nosso EU.

Nesses estudos que eu coordenava nós procurávamos obter o mais alto nível que nos era possível de concentração evitando lançar mão de qualquer explicação que tivéssemos tomado conhecimento. Fazíamos um trabalho de pura observação. Era experimental, rigorosamente experimental.

Durante o fim de semana isolei-me várias vezes em minha sala de trabalho, acomodei-me o melhor que pude numa poltrona, concentrei-me tanto quanto me foi possível, interrompi todo o fluxo mental, evitei procurar na memória elementos com os quais pudesse construir algo artificial e abstratamente. Nesse estado de consciência vazia, simplesmente coloquei o problema na mais rigorosa contemplação e permaneci aguardando que a realidade mesma apresentasse a indicação, isto é, que os elementos para a solução nascessem da própria realidade afora.

Essa técnica eu havia aprendido com um amigo que também participava das reuniões do grupo que estava estudando a obra do pensador indiano J. Krishnamurti. Eu a havia associado a outras formas de exercícios de outra origem do que aquela da qual ele havia aprendido inclusive a técnica psicanalítica de auto análise que eu havia encontrado num livro escrito por um dos primeiros médicos psicanalistas no Brasil.

Em pouco tempo surgiu na minha consciência como se fora uma espécie de imagem na qual podia perceber o caminho e a sequência lógica dos passos que um naturalista botânico deveria percorrer para realizar o estudo da classificação sistemática da vegetação de uma área de floresta. Então eu pensei que um sistema de estudo também deveria ser feito seguindo passos sequentes e lógicos. Foi a partir dessa percepção que elaborei o Método de Estudo constituído dos sete passos apresentados e explicados na primeira parte deste trabalho.

Eu estava, agora, convicto que quem seguisse rigorosamente aqueles passos com toda a certeza teria sucesso no resto da vida, nos estudos de todos os graus, desde que adaptado a cada caso e nível do mesmo.





Escrevi a sequência. As explicações seriam adaptadas na hora de acordo com cada trio de jovens que estivesse orientando.

Na segunda-feira compareceram três na hora marcada. Antes de iniciar as explicações perguntei como eles faziam para estudar aquela matéria e as outras. Os três deram a mesma resposta. Recebida a matéria na aula eles faziam as anotações que o professor mandava fazer e depois liam e procuravam memorizar tudo, repetindo... repetindo até saber decor.

Feito isso passei às explicações do sistema que havia elaborado para eles. Perguntei a cada um se havia compreendido e no caso de não ter entendido eu explicaria quantas vezes fosse necessário. A seguir garanti a eles que se seguissem a orientação rigorosamente eles teriam sucesso e que o sistema valia para todas as matérias com pequenas adaptações para cada uma segundo suas características.

Como eu dispunha 1 hora por semana para conversar com os alunos, fui de sala em sala e comuniquei a novidade. Nas duas turmas afetadas pela dificuldade ordenei que se organizassem em grupos de 3 e fossem ao meu gabinete para marcar a hora.

Orientei todos os educandos e a todos disse que não havia outra alternativa eficaz e segura para garantir a aprovação, condição para permanecer na Escola, que funcionava em regime de internato e talvez fosse a única oportunidade na vida deles para estudar. Praticamente todos os alunos das 4 séries procuraram e seguiram a orientação acabando com a necessidade do auxílio de reforço que meus auxiliares davam, o que não era oficial nem função deles.

Após ter concluído o trabalho de orientação procurei o Professor dos alunos com baixo rendimento (Ciências) e comuniquei-lhe pessoalmente o que havia feito. Como uma percentagem tão alta de reprovação repercutiu mal no conceito do professor eu receava que ele facilitasse as exigências nas próximas sabatinas, pedi que mantivesse o nível porque eu queria testar 2 aspectos da questão: a) a eficácia do sistema; b) o empenho dos alunos. Em outro dia no horário de intervalo fiz a comunicação a todos os professores.



Isso tudo foi no início do 2º mês de aula. Na próxima sabatina nenhum dos alunos com nota de reprovação apresentou rendimento inferior a nota oito (08) ou (80) oitenta na escala zero a cem (0-100).

Minha única decepção foi o professor não fazer a mínima referência ao fato de os alunos apresentarem tão significativa melhora na aprendizagem em tão pouco tempo.

## PARTE III

### **Outras Histórias**

#### *Professor de Matemática e o “Menino Burrinho”*

Lá pelo ano de 1963, eu trabalhava como psicólogo escolar no Ginásio de Iniciação Agrícola, de regime de internato. Nessa época, não havia lá um Serviço de Orientação Educacional. Como psicólogo, me competia atender os problemas psicológicos dos alunos, referentes às dificuldades de aprendizagem, a problemas disciplinares e dar alguma orientação metodológica aos professores que necessitassem e solicitassem.

Além das funções citadas, ainda coordenava uma equipe de professores que atuavam na área disciplinar. Todos eram formados técnicos agrícolas. Uns cursavam Agronomia, outros Veterinária e ainda outros Administração de Empresas.

Como não houvesse grandes problemas disciplinares, pois os educandos provinham quase só do interior do Estado, meus auxiliares ocupavam a maior parte do tempo com alunos necessitados de reforço, na aprendizagem de certas matérias.

Aconteceu, em certo momento, tantos eram os que procuravam auxílio, que quase tínhamos uma segunda escola funcionando dentro do ginásio. Como, naquela época, era muito difícil analisar com o professor questões pedagógicas, especialmente no domínio da metodologia de ensino, a situação era preocupante, e eu não via uma solução para o problema.



Como que providencialmente, surgiu um problema significativo, o qual me obrigou a refletir sobre o caso: nas duas turmas da segunda série ginásial, na primeira sabatina (era assim que se chamava cada prova mensal), oitenta por cento (80%) dos educandos alcançaram nota inferior à exigida para aprovação na disciplina de Ciências Naturais. O professor era competente na matéria e muito exigente.

Aconteceu uma avalanche de educandos apavorados pedindo ajuda. A equipe não tinha condições, nem de tempo nem de espaço de ajudar tantos.

Diante de tal situação, prometi-lhes que estudaria uma solução durante o fim de semana. E assim o fiz. Eu era licenciado em História Natural, além de pós-graduado em Psicologia. Refleti sobre o assunto. Pensei em como a ciência progrediu por degraus. Como um conhecimento adquirido apoia a descoberta de outro conhecimento, etc. Pensei também que o processo de aprendizagem baseia-se no mesmo princípio do avanço do conhecimento. É uma espécie de recapitulação, em que se percorre o mesmo caminho, apenas abreviado em tempo e conteúdo. A aquisição de um conhecimento sólido é como a construção de uma escada, que tem de ser sólida. Seu apoio não pode ter lacunas nem podem faltar degraus. Assim é o estudo, tem que ser metódico, sistemático e consistente.

Eu, apesar de já ser pós-graduado, durante tantos anos de estudo, ninguém me havia ensinado como estudar. Refletindo sobre essa falha, ocorreu-me que, quando preenchemos uma ficha em que é solicitada nossa profissão, se só estudamos, declaramos como profissão: “estudante”. Esta é, no entanto, a única profissão que exercemos sem havê-la aprendido, nunca nos ensinaram como exercê-la. Isso me souu como uma coisa absurda, porque a maioria das profissões, para exercê-las devemos antes aprendê-las e para tanto, estudá-las.

Para criar um roteiro fácil de ser compreendido pelos alunos, imaginei-me como um pesquisador de Botânica Sistemática (eu mesmo era professor de Fisiologia Vegetal na PUC/RS), com a missão de estudar toda a flora de uma região limitada.



Naturalmente, um botânico já conhece muitas das plantas da área a ser pesquisada, já teve contato com aquela vegetação, mas muitas plantas lhe são desconhecidas. Portanto, se faz necessário percorrer minuciosamente todo o território em causa, colher as plantas e etiquetá-las para posterior estudo e classificação, e descrevê-las, formando finalmente um texto completo.

Assim entendi como deveria ser um método de estudo, no caso, elaborado para estudantes dos níveis ginásial e colegial, como a seguir se expões.

### *Método de estudo*

A palavra “método” deriva do idioma grego: meta, alvo ou objetivo que se quer alcançar, mais odos (meta + odos), caminho que deve ser percorrido. Em todo processo de estudo devem ser seguidas as seguintes etapas:

I - Contato com a matéria objeto do estudo. Normalmente, isso se faz assistindo à exposição do professor, ou então ante um texto, do qual se faz uma leitura para tomada de conhecimento.

II - Leitura do texto para levantamento das dificuldades de compreensão, sublinhando e numerando os vocábulos cujo sentido não sabemos, ou não temos certeza do seu significado, ou ainda sublinhando parágrafos cujo conceito deve ser investigado.

III - No caso de vocábulos desconhecidos, ou mal conhecidos, fazer um vocabulário com o sentido específico que eles têm na área do conhecimento sobre a qual está se tratando; quando se tratar de dúvida conceitual de um parágrafo, analisar profundamente o mesmo até tê-lo compreendido bem (reconhecido).

IV - Leitura de todo o texto para sua compreensão total.

V - Sintetizar o texto para poder fixar o conteúdo essencial e não memorizar todo o texto simplesmente.

VI - Realizar a fixação do conteúdo essencial, pelos diversos recursos de fixação da aprendizagem, visual, motor e auditivo.

VII - Utilização do conhecimento adquirido. No caso dos estu-



dantes, os exames. A seguir reuni os alunos, em grupos de três e expliquei-lhes como o sistema deveria ser utilizado, para que a aprendizagem acontecesse no menor tempo possível, com o maior rendimento e duração do conhecimento do conteúdo em causa, tendo eles prometido fazer tudo como fora estabelecido.

Comuniquei ao professor para evitar interferência nos resultados, pois se tratava de uma experiência pedagógica. O resultado foi surpreendente. Os alunos orientados alcançaram notas superiores aos outros que haviam obtido notas de aprovação.

Aconteceu que alunos de outras séries e matérias passaram a procurar o método que havia dado tão bom resultado para os colegas. Entre os novos demandantes, procurou-me um jovem que não conseguia aprender matemática e sempre tirava notas baixas.

Eu havia elaborado um método inicialmente destinado ao estudo de Ciências Naturais, mas que tinha dado certo para outros ramos do conhecimento. Pensei então que também deveria funcionar para matemática.

Pedi ao aluno que aguardasse a segunda-feira, para que no fim de semana (era sexta-feira) eu pudesse pensar em como fazer para aplicá-lo nessa matéria. Na segunda-feira, chamei-o a meu gabinete e propus-lhe a seguinte história imaginária: “Digamos que tu moras no alto de uma montanha e necessites de ir à vila adquirir materiais necessários para realizar determinados objetivos teus. De tua casa até a vila existe somente um caminho, e como é longe, não podes ir a pé. De um dos lados da estrada, o terreno é íngreme, e do outro, além de ser íngreme, há muitos precipícios, não há como passar por outro lugar.

Digamos que lá pelo primeiro terço do caminho encontres um obstáculo intransponível, uma grande árvore caída sobre a estrada. Como farias para ir adiante? “Passaria por cima”, respondeu ele. Eu disse-lhe: “Mas tu vais com uma condução, como farias para tanto?” - “Eu removeria a árvore» -disse-me, empurrando-a para o lado,

- Com que força?— perguntei

- É, então eu teria que voltar e buscar ferramentas para cortá-la.

- Sim, mas não procurarias verificar se as ferramentas estão em boas condições, bem afiadas?



- Claro, isso seria necessário.

- Então com ferramentas adequadas seria possível remover o obstáculo e seguir viagem, podendo assim realizar o teu objetivo?

-Sim.

Como podes compreender, sempre na vida surgirão dificuldades, que teremos que enfrentar e esforçar-nos para resolvê-las. Os obstáculos devem ser encarados como desafios para nossa inteligência, nossa força de vontade e persistência. Diante deles devemos parar, refletir e procurar o melhor meio de removê-los. Se não houver desafios, não haverá nada novo e nada a aprender. Assim, nós teríamos que permanecer naquilo que já conhecemos e não haveria progresso.

Agora, a tua dificuldade para aprender Matemática será resolvida se tu aplicares o mesmo raciocínio utilizado na história da árvore caída no caminho. Tu querias passar por cima. Pois é assim que muitos estudantes fazem, exatamente como tu fizeste. É claro que a culpa não é tua, mas dos professores que não ensinam como estudar. Como tomaste conhecimento através dos teus colegas, há um método simples e eficaz para estudar, ganhando tempo e rendendo mais. Eles já te informaram sobre o método de estudo.

Suponhamos que tu tenhas que resolver uma questão sobre frações ordinárias, em que entram as quatro operações. Tu deves saber todas as regras e operações para a soma, subtração, multiplicação e divisão. Caso tu não saibas as regras para a soma, ficarás empacado e não adianta só saber as seguintes regras e operações. Se assim for é sinal que tu passaste por cima do pré-requisito.

A Matemática pode ser considerada, para efeito de compreensão do que estamos analisando, a um mecanismo, digamos, em que hajam sete engrenagens. Se faltar um dente ou mesmo houver um defeito num dente da quarta engrenagem, o mecanismo não funcionará. É necessário conhecer todas as regras, e a significação de cada palavra. Basta não saber o sentido de apenas uma palavra para não poder ir adiante. Aliás, isso é válido para todas as matérias e em qualquer nível de estudo. Assim sendo, penso que compreendeste que deves fazer um exame rigoroso do teu conhecimento e encontrar as lacunas. Deves



rever toda a matéria antecedente e, lá onde houver falhas, debes reestudar essas operações, pois necessitarás delas até o mais alto nível de estudo. Não se pode passar por cima de nada.

No caso de ter dúvidas sobre como debes proceder podes procurar-me sempre que necessitares. O método de estudo é o mesmo dado aos teus colegas. No mais é fazer como foi explicado.

Após essa conversa, o menino agradeceu e prometeu seguir a orientação. No dia seguinte, conversei com o professor de Matemática e informei-lhe que havia orientado o jovem quanto a um método de estudo geral e aplicado à sua matéria, e que pedia que não houvesse nenhuma facilitação, porque eu desejava testar o método com a Matemática e o seu empenho. O professor falou-me com as seguintes palavras: “Dr. Zauza, esse aluno é um menino muito bonzinho, mas é muito burrinho.”

Eu respondi-lhe que estava tudo bem que o menino fosse burrinho, mas assim mesmo eu queria fazer a experiência.

No fim do mês vieram as sabatinas e o resultado é que o menino alcançou a nota oito. Nos meses seguintes obtive notas maiores. O professor não me falou nada. Ficou tudo como se nada houvesse sido feito e falado.

No ano seguinte, fui cedido para o Instituto Sta. Luzia, escola em regime de internato para deficientes visuais e não tive mais contato com o jovem, embora tenha voltado ao Ginásio de Iniciação Agrícola para realizar um treinamento para um grupo de professores.

Passados alguns anos, não lembro quantos, um dia, quando eu passava em frente à Faculdade de Arquitetura da UFRGS, encontrei meu ex-orientado. Eu quis saber o que ele havia feito nesses anos. Foi então que me contou estar cursando Matemática na Faculdade de Filosofia e ao mesmo tempo Engenharia na mesma Universidade e que já estava se encaminhando para, tão logo concluísse a graduação nas duas Faculdades, especializar-se em Cálculo.

Foi nosso último encontro, mas senti-me feliz por ter conseguido ajudar um menino muito bonzinho, porém muito burrinho vir, a ser matemático e engenheiro.





*O Professor de Desenho e o Menino “Aleijadinho”*

Esta é mais uma história ocorrida na mesma escola onde aconteceu o caso do professor e o menino burrinho.

Certo dia, o diretor do Ginásio procurou-me para pedir-me opinião sobre o que poderia ser feito para resolver uma situação um tanto complicada.

A questão era que o Ginásio era uma instituição destinada a jovens de constituição física normal, por ter como objetivo despertar a vocação para as atividades agrícolas. Portanto, eles deveriam estar aptos fisicamente para o manejo dos instrumentos necessários para as referidas atividades. Mas por uma questão puramente humanitária, foi admitido um jovem do interior e de família muito pobre.

Esse jovem era portador de uma insuficiência física grave, pois todo seu lado direito era defeituoso, a ponto de não poder manusear instrumentos utilizados para as tarefas de desenho geométrico, bem como para as agrícolas. Quando chegou o momento em que a disciplina de Desenho passou a fazer parte do currículo, ele não tinha condições de realizá-la. Ele teria que ser reprovado, e conseqüentemente, desligado da escola. E, evidentemente não poderia frequentar outra. Ficaria sem poder estudar. O que seria de sua vida? Ele era um jovem inteligente.

Aprová-lo sem cumprir a disciplina não era possível legalmente, e pedagogicamente seria incorreto. Então conversei com o professor e sugeri uma atividade alternativa: trabalhos com tinta guache e lápis de cera. Mas o professor não aceitou.

Ante esse impasse, no fim-de-semana seguinte dediquei-me a imaginar uma forma de solucionar a questão, de uma maneira que satisfizesse as exigências legais e pedagógicas. Como eu conhecia bem que tipo de desenhos teriam que ser realizados e os respectivos recursos necessários para tal, pus-me a meditar, primeiramente sem tentar formar uma representação. Apenas coloquei o problema ante a consciência. Pouco a pouco, foi-se configurando uma imagem da situação. Formou-se ante minha “visão” interna uma espécie de prancheta, na qual



poderiam ser fixados os instrumentos necessários para a realização dos traçados, com a mobilidade e firmeza adequadas. Mentalmente, fui fixando os instrumentos e fazendo os devidos desenhos. Feito isso, fiz um desenho esquemático da prancheta. Mas então surgiu outro problema: como construí-la? Eu não possuía as ferramentas, nem o material e menos ainda a habilidade. Fui dormir.

No dia seguinte pela manhã, segunda-feira, fui para a escola. No caminho, lembrei-me que havia lá um professor de Geografia que talvez resolvesse a questão. Logo encontrei o professor Ilo Frediani, que dominava várias atividades, tais como ourivesaria, pintura, restauração de obras de arte, etc... Falei com ele, expus o problema e apresentei-lhe o projeto, que ele logo aprovou e comprometeu-se a executá-lo. Pediu-me uma semana de prazo.

Na semana seguinte, estava pronta a prancheta. Testamo-la na prática. Funcionou. Ato seguinte, convidamos o aluno a receber o treinamento sobre como utilizar todos os seus recursos.

Enquanto tudo isso acontecia, já havia decorrido mais de um mês e meio de aula. Em uma semana, o jovem atualizou os desenhos das aulas anteriores e, ao mesmo tempo, acompanhava regularmente as atuais. Problema resolvido, o jovem feliz, e nós, o diretor, o professor Frediani e eu, também. Nenhum comentário do professor de Desenho...

Em 1964, fui requisitado e cedido ao Instituto Santa Luzia, para trabalhar como psicólogo. Lá permaneci até o fim do ano de 1973 (9 anos). Em 1974, transferi-me para Passo Fundo.

Alguns anos depois, encontrei-me casualmente com o professor Iran Ardenghi, que era o diretor na época dos referidos acontecimentos e havia retornado a assumir a direção do Ginásio Agrícola. Conversa daqui, conversa dali, lembranças daqueles tempos. De repente, ele perguntou-me se eu lembrava daquele aluno. – Claro! – Tu podes imaginar qual a profissão dele? – Nem por sonho! – Pois não vais acreditar! – Por que não? – Por que ele é desenhista de projetos, aprovado em concurso público.

Se há conclusão a tirar desse fato, tire você, leitor, particularmente se fores professor.



## **Jovens inteligentes e estudiosos que não tinham sucesso no vestibular.**

São na verdade dez (10) histórias ocorridas durante meus quarenta e quatro (44) anos de exercício de atividade como psicoterapeuta, que neste caderno sintetizarei em apenas uma. Mas antes disso procurarei explicar em que me fundamentei para conduzir a orientação dos jovens, a qual consiste em última análise, em fazer como entenderem a necessidade de o estudo seguir um sistema metódico, lógico por conseguinte.

É auto compreensível que siga de início as normas de qualquer entrevista que vise investigar as dificuldades de cunho afetivo, para na medida do possível, na exiguidade do tempo disponível para um trabalho dessa ordem. No entanto muitas vezes foi necessário utilizar recursos encontrados no meu livro *Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva* para encontrar ou pelo menos atenuar o efeito da energia de afetos traumáticos, sem o que não seria possível remover os fatores que geravam o insucesso. Eu sempre usava um recurso que pode ser considerado como banal e prosaico. Para facilitar o entendimento de um ponto de vista que considero importante na postura relacionada com o estudo que propunha o seguinte experimento:

- No encontro seguinte aplicava um teste de raciocínio abstrato sem referir que era teste. Assim eu podia concluir a possibilidade de não ser um baixo nível de inteligência para esse tipo de raciocínio pelo menos um dos fatores da dificuldade.

Em todos os casos atendidos os jovens apresentaram rendimento em número de pontos superior à faixa etária. Desse ponto em diante passava às questões específicas e explicação do método preconizado, procurando sempre pensar a forma que melhor se adaptasse a cada caso e situação.

Eu gosto de biscoitos de manteiga, por isso sempre os tinha no consultório para no intervalo feito para descanso e um breve lanche costumava degustar alguns acompanhados com chá preto (chá da Índia).



Para explicar de uma maneira simples o que deveria acontecer em nosso íntimo com relação ao conteúdo daquilo que desejamos aprender eu pegava um biscoito sem dizer que iríamos realizar um experimento. Então partia um biscoito ao meio e solicitava que o comesse. Todos simplesmente davam duas ou três mordidas e o engoliam.

Fazia uma pausa de (3) três a (5) cinco minutos durante a qual falávamos sobre qualquer coisa que o jovem propusesse. Após esse intervalo eu propunha que agora ele comesse o outro pedaço, porém lentamente procurando degustá-lo, sensacionando o máximo possível prestando toda a atenção que pudesse nas aparentemente mais insignificantes sensações gustativas e psíquicas. Quando tivesse concluído me comunicasse como havia vivenciado o efeito do biscoito em toda sua organização física e psíquica e se notou alguma diferença no grau de prazer e satisfação. Todos ficavam admirados pela diferença, para melhor na segunda vez e tinham a impressão de que não era do mesmo biscoito.

Então eu lhes dizia que com o estudo também deveria ser assim, o conteúdo deveria ser saboreado e a sensação de a substância ser integrada à nossa organização física e psíquica, deveria causar prazer.

Para ter chegado a essa compreensão eu necessitei realizar esse e outros experimentos em mim mesmo. Mas eu havia partido de uma concepção de que toda e qualquer matéria, fosse ela um composto ou uma substância pura, cada qual é portadora de um quantum de energia e que era essa energia que tinha o poder de interagir com a existente em nossa organização.

Eu havia concebido também que quando se realiza um experimento científico e se o descreve nós estamos impregnando o escrito com a energia com que o fizemos e que no texto esta energia é acrescida a aquela que já é existente na ideia ou conceito da verdade revelada e assim também o é com toda e qualquer obra de arte. O autor está presente na sua obra e virtua<sup>1</sup> sobre o contemplador através de sua energia.

É por esse motivo que devemos adotar também no estudo uma mentalidade aberta e amorosa com relação ao conteúdo para que nos apossamos do conhecimento e o conhecimento se apossa de nós. No entanto não devemos cristalizar num ponto como se ele fosse a última

---

1 Virtuar: agir eficazmente sobre a formação ou produção de algo.



palavra ou mesmo a última forma. É bom aceitar as ideias novas ou antigas para reflexão mas não como ideologia, crença ou dogma, pois o futuro é infinito e é dele que vem ao nosso encontro a evolução da Humanidade.

O Homem está aí com a missão de construir a Liberdade, mas como sua consequência desenvolver também o princípio da responsabilidade, aceitando e arcando com as consequências de seus atos, tanto daqueles cuja prática tem origem no universo exterior como interior. A Liberdade plena depende tanto do que provém do íntimo como do exterior, que não deve submeter a qualquer tipo de jugo e para tanto é necessário um conhecimento e trabalho exaustivo sobre as forças provindas das profundezas do inconsciente o que começa pelo autoconhecimento que é realizado descobrindo as influências do exercício sobre nossa alma pelo mundo que nos cerca e continuado e aprofundado pelo reconhecimento da parte que nós mesmos somos responsáveis, quer dizer qual a nossa participação pessoal na formação da nossa personalidade e mentalidade.

Após essa etapa segue uma outra um pouco mais exigente que é a autorreconhecença, quando passamos a investigar as forças gerundas que constituem os princípios ou fatores que formam a nossa natureza primordial ou como se diz numa palavra adaptada do idioma Alemão, o qual é aquele que do qual tudo deriva (o Wesen) do ser ou fenômeno. O Wesen (natureza ou essência) é aquilo que faz o ser ser o que é.

Sobre esse campo não será dissertado neste trabalho.

Um ponto importante que deve ser investigado é saber se o jovem quer realizar o curso de medicina, que era o caso ao qual estou me referindo, se é uma aspiração sua livre da influência dos pais, porque muitos desses jovens eram filhos de médicos e outros porque os seus pais desejavam ter um médico na família ou ainda por ser uma profissão em geral rendosa.

Ainda dentro da situação que estamos comentando é necessário levar em conta a existência de duas vontades, a consciente que quer e a inconsciente que por algum tipo de conflito familiar não quer ser aprovado, não quer satisfazer as expectativas dos pais. É preciso remover essa força de oposição.



## **Um livro com mais de (900) novecentas páginas para ensinar como estudar e as condições ideais para tal**

Faz aproximadamente uns (10) dez anos chegou às minhas mãos um livro que tratava minuciosamente das condições ideais para e como estudar. O seu conteúdo era exposto em mais de (900) novecentas páginas.

Eu que já havia percorrido um longo caminho, tendo realizado (2) dois cursos de graduação, Licenciatura em História Natural e de Psicólogo e mais o resto da vida para manter-me atualizado, fiquei exultante, pois afinal alguém havia se disposto a ensinar como estudar.

Sinceramente, li as mais de novecentas páginas palavra por palavra, para acabar na decepção de não ter encontrado uma página que expusesse de forma simples e lógica a sequência dos passos que deveriam ser seguidos por estudante de qual nível.

Hoje, aos (83) oitenta e três anos continuo estudando por simples prazer, sempre na expectativa de encontrar algo novo, com mente e coração abertos para o futuro.

Confesso que não consigo entender o motivo ou razão, se é que existe alguma, de com tantos doutores nos mais variados aspectos da Pedagogia, não existe nada referente a um método de estudo que sirva para qualquer nível e área de estudo. E eu me pergunto: para quem foi escrito aquele livro?



## **De onde não se espera pode surgir algo novo.**

Esta é a última história deste caderno. Havia uma opinião generalizada entre o pessoal que trabalhava no setor da SE (Secretaria de Educação – RS) que os professores das Escolas Técnicas de Agricultura eram refratários a mudanças pedagógicas.

Meu primeiro trabalho no serviço público estadual foi exatamente num ginásio agrícola que como de regra funcionava em regime internato, o que exigia um tanto de firmeza no aspecto disciplinar.

O corpo docente era constituído de professores com formação pedagógica oriundos das Faculdades de Filosofia e de outros, os da área técnica que eram agrônomos e veterinários e alguns que eram técnicos agrícolas.

As aulas de técnicas na parte prática eram realizadas para a turma toda em conjunto. Isso tornava muito difícil aos professores fazerem uma avaliação individual do desempenho de cada aluno para atribuir a nota. Essa dificuldade foi apresentada ao Diretor que por sua vez levou-a ao respectivo setor técnico-pedagógico da Secretaria de Educação ao qual eu também estava ligado. Como eu trabalhava no referido ginásio fui encarregado da elaboração de teste para avaliar a vocação para a profissão em causa, pois em geral os egressos desses ginásios se destinavam à Escola Técnica de Agricultura.

Mesmo que tal teste fosse elaborado, isso levaria tempo e o problema era atual. Portanto exigia uma solução urgente. Para o caso seria inviável.

Pensei no assunto durante um fim de semana e propus ao Diretor uma experiência. Eu proporia aos professores uma maneira que poderia dar certo e na pior das hipóteses não alteraria a dificuldade apresentada por eles.

A forma do experimento seria os alunos trabalharem por projetos. Mas como se faria isso? Os alunos simulariam uma empresa formada por grupos de três que eles escolheriam entre si como sócios por afinidades entre eles e seriam orientados quanto à organização da empresa.



O professor os orientaria quanto à organização e determinaria qual seria a planta a ser cultivada.

Resumindo: tudo deveria ser calculado, como quantidade e valor de insumos, custo de mão-de-obra, enfim, todas as despesas, valor dos produtos no mercado, etc... custo e lucro.

Feito tudo isso, então mãos-à-obra. Os alunos se organizaram e cada grupo teria um canteiro só para ele.

O resultado não demorou a aparecer. Ficou claro o interesse de cada grupo na rapidez, dedicação, capricho no canteiro e no cuidado com as plantas e no entusiasmo com que se aplicavam ao trabalho. Foi tal o sucesso do experimento que até os alunos que apresentavam pouco interesse pela agricultura vendo o progresso dos colegas mais avançados apresentaram rendimento satisfatório.

Numa reunião de avaliação dos resultados com a participação do Diretor perguntaram como é que eu não tendo estudado administração de empresas nem agricultura havia formulado aquele sistema de trabalho que tornava tão evidente quem tinha possibilidade de dedicar-se a essa profissão.

Eu respondi que as coisas todas para dar certo tinham que seguir uma lógica natural e que eu deixei meu pensamento seguir essa lógica imposta pela coisa mesmo e evitei introduzir coisas artificiais tiradas da minha cabeça abstratamente.



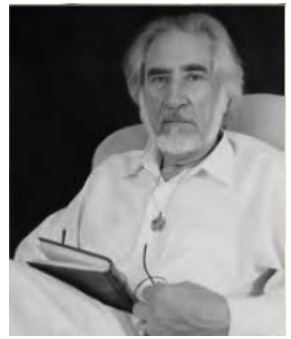






Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



*Getúlio Vargas Zauza*

O autor é licenciado em História Natural pela PUCRS, tendo sido professor de Fisiologia Vegetal durante 10 anos e graduado em Psicologia. Direcionou sua atividade principal a Psicologia Clínica e exerceu-a durante 44 anos, sendo 10 anos em Porto Alegre e 34 em Passo Fundo.

Por considerar a Psicanálise uma técnica terapêutica sujeita a enganos perigosos, subjetiva demais de alto custo resolveu desenvolver a sua metodologia própria, a qual foi aplicada durante 34 anos em adultos em 80% por cento dos seus mais de 1000 pacientes.

No setor público também exerceu a função de Psicólogo Escolar além de ter ministrado aula de Ciências Naturais, tanto para educadores de visão normal como para de cientes visuais no Instituto Sta. Luzia, em Porto Alegre. Organizou e coordenou uma equipe multidisciplinar na APAE de Passo Fundo durante 9 anos.

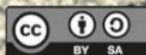
Publicou 4 livros sendo 3 de poesias e um Manual de Psicoterapia de sua autoria com título Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva.

Escreveu centenas de artigos sobre vários temas no jornal O Nacional. Atualmente está trazendo luz este modesto trabalho escrito em linguagem simples e lógica cujo título de experiência exitosa e mais algumas históricas ocorridas nos locais de trabalho.

Atualmente, pertence à APL como Acadêmico Emérito, à qual pertenceu durante mais de 20 anos, como membro efetivo.

Este trabalho é constituído de duas partes. Na primeira apresento o método de forma abreviada nos seus sete (07) passos fundamentais. Na segunda parte descrevo e justifico cada passo, relato as circunstâncias que levaram a desenvolvê-lo e conto algumas histórias de casos mais ou menos curiosos relativos aos resultados e as atitudes dos professores cujos alunos eu orientei.

Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

ISBN 978-85-8326-029-5



9

788583

260295